



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**TRIAGEM PARA AVALIAÇÃO INICIAL DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA  
INTELLECTUAL: CONHECIMENTO OU APRENDIZAGEM?**

Julia Marcelina Ferreira de Melo Pereira  
Nº de Matrícula: 112790023B  
Polo: Carandaí

Juiz de fora  
2019

JULIA MARCELINA FERREIRA DE MELO PEREIRA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

**TRIAGEM PARA AVALIAÇÃO INICIAL DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA  
INTELECTUAL: CONHECIMENTO OU APRENDIZAGEM?**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientador (a): Dra. Juliana Célia de Oliveira

Juiz de Fora  
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pereira, Julia Marcelina Ferreira de Melo .

Triagem para avaliação inicial do aluno com deficiência intelectual: conhecimento ou aprendizagem? / Julia Marcelina Ferreira de Melo Pereira. -- 2019.

28 f.

Orientadora: Juliana Célia de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Deficiência Intelectual. 2. Avaliação Inicial. 3. Aprendizagem .  
4. Conhecimento. I. Oliveira, Juliana Célia de , orient. II. Título.

JULIA MARCELINA FERREIRA DE MELO PEREIRA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Célia de Oliveira  
Universidade Federal de Juiz de Fora/UAB

---

Dr<sup>a</sup> Mylene Cristina Santiago  
Universidade Federal de Juiz de Fora/UAB

---

Ms. Michelle Duarte Rios Cardoso  
Universidade Federal de Juiz de Fora/UAB

Juiz de Fora  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que se fizeram presentes em mais esta caminhada!

## RESUMO

Ao analisar a dinâmica de aprendizagem para deficientes intelectuais, constata-se a existência de inúmeros desafios enfrentados pelos profissionais e pelos alunos recebidos nas escolas. A aprendizagem não acontece em um momento específico e sim processualmente. Portanto, é preciso adquirir concepções, construir e reconstruir hipóteses. A realização de uma triagem é importante na medida em que possibilita o desenvolvimento de práticas pedagógicas, amplia os recursos de observação e intervenção, bem como melhora a atuação social. Para deficientes intelectuais, a proposta da triagem provoca um conhecimento específico e funcional para que o trabalho educacional com essas pessoas seja estruturado no preenchimento de cada necessidade e não somente em um aglomerado de ideias classificatórias que se misturam na hora da prática. Muitas vezes o conhecimento é negado na busca efetiva pela aprendizagem e isso causa prejuízos, deixa de se aproveitar muitos progressos que poderiam ser valiosos. É necessário entender como se aprende e diferenciar aprendizagem de conhecimento. Nesse sentido, o presente estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica e na aplicação de uma triagem para avaliação inicial de alunos com deficiência intelectual a fim de propiciar a construção de um plano de ação funcional para cada um. A triagem foi aplicada em cinco alunos do 6º ano e buscou-se analisar cinco áreas importantes para o bom desenvolvimento da aprendizagem: afetiva, cognitiva, motora, pedagógica e atividades de vida diária. Após análise dos dados obtidos pela triagem, foi realizada a construção do plano de trabalho para cada um dos alunos participantes. Observou-se que as atividades elaboradas pelos professores foram adequadas às peculiaridades de cada aluno. Considera-se positiva a aplicação da triagem, tendo em vista a opção pela coordenação em realizar o mesmo procedimento em outras salas e para outros alunos.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual, Avaliação Inicial, Aprendizagem, Conhecimento.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>3</b>	<b>DESCRIÇÃO DO QUE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA .....</b>	<b>11</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>16</b>
<b>6</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>16</b>
<b>7</b>	<b>ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA INTERVENÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA.....</b>	<b>17</b>
<b>9</b>	<b>RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....</b>	<b>18</b>
<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>11</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>
<b>12</b>	<b>ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>24</b>
<b>13</b>	<b>ANEXO II – FORMULÁRIOS PARA APLICAÇÃO DA TRIAGEM.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os aprendentes típicos, que não apresentam deficiência, quando chegam às escolas regulares colocam em pauta diferentes contextos. Cada estudante apresenta sua especificidade, demandas e ritmos de aprendizagem diferenciados. Entretanto, os aprendentes que apresentam deficiência intelectual (DI), representam um desafio maior para os profissionais.

Ao longo dos anos a DI vem deixando de ser uma utopia no imaginário dos componentes escolares e se tornando uma realidade que não apresenta a possibilidade de ser mascarada, devido a sua complexidade e as inúmeras habilidades que necessitam de avaliação e direcionamento. Para Oliveira (2012),

A deficiência intelectual não pode ser percebida de forma abstrata ou descontextualizada das práticas sociais, assim, ao falar sobre a condição de deficiência intelectual, obrigatoriamente temos algo a dizer sobre as relações entre as pessoas e o processo de mediação que se estabelecem circunscritas num contexto cultural, histórico e social, e desta forma, também no da escola, como centro gerador de interpretações que imputa significado as diferenças. (OLIVEIRA, 2012, p. 16).

Ao receber estudantes com DI, deve-se estar aberto a valorizá-lo e contribuir sobretudo com a sua autoestima, reconhecendo que a sua condição humana pode estar bem além das suas limitações. Esses aspectos corroboram para que seu processo de inclusão favoreça positivamente as suas conquistas e potencialidades. Além disso, para que a inclusão seja de fato efetivada, é preciso estar disposto a compreender perspectiva histórica da inclusão. Ao pesquisar esse percurso, compreende-se que as situações de preconceito e violação dos direitos são incontáveis, mas os movimentos de luta pela pessoa com deficiência frente à cultura que lhe representa são grandiosos. Um desses movimentos pode ser observado na Declaração de Salamanca, um documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social. Nesse documento encontram-se caminhos que direcionam as práticas inclusivas hoje:

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou

nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Importantes estudos direcionados aos sujeitos com deficiência visando o efetivo processo inclusivo podem ser observados em teóricos do desenvolvimento humano e da aprendizagem. Entre eles pode-se destacar o estudo de Vigotsky que direcionou sua pesquisa não na deficiência em si, mas nas habilidades que os indivíduos com deficiência possuíam e que formariam a base para o desenvolvimento integral de suas capacidades. Isso revela que, ainda que de forma aparente, como pontua Vigotsky (1997, p. 76), “no lugar da mística foi posta a ciência, no lugar do preconceito, a experiência e o estudo”, então, é possível entender que é preciso focar na condição humana e não na deficiência, e esse é o grande diferencial inclusivo.

Para tanto, é preciso compreender a real necessidade do aluno, o que ele conhece, como conhece e como aprende. Diante das várias especificidades que acompanham as deficiências, é necessário a realização de uma avaliação detalhada, uma verificação pré-definida e adaptada a cada sujeito que chega, pois somente diante do entendimento individual será possível construir um caminho educacional inclusivo. Todo esse processo precisa ser intencional ao sujeito que chega para o processo educativo e não para quem o recebe, afinal, como afirmar Cunha (2015, p. 76), o “modelo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que começa pelos afetos de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina”.

Para Vygotsky (1997), há potencialidade e capacidade nas pessoas com deficiência, mas entende que, para estas poderem desenvolvê-las, devem ser lhes oferecidas condições materiais, instrumentais e interacionais adequadas. E diante dessa necessidade material, interacional e instrumental, o profissional envolvido no processo de aprendizagem da pessoa com deficiência precisa compreender três pontos. O primeiro é a compreensão sobre o que é aprendizagem, é preciso entender que aprender refere-se ao comportamento, mais especificamente à mudança de comportamento e pode ser analisada sob vários ângulos dependendo da teoria que a sustenta. Em segundo lugar, buscar a compreensão sobre o conhecimento, ele é o encontro da verdade e da realidade do sujeito, é o que ele é capaz de fazer com o que tem em sua mente, nenhuma mente é uma folha em branco, e muitas vezes na busca pela aprendizagem se esquece do conhecimento já registrado no ser e o quão útil ele poderia ser. E o terceiro ponto é buscar entender como e o que se avalia em um aluno com deficiência intelectual para poder construir um bom plano de aprendizagem individual, o que é preciso saber sobre o novo aluno que chega à escola.

Para atingir os pontos supracitados, são fundamentais ferramentas que permitam conhecer o estudante em diversos aspectos. Para esse conhecimento, pode-se utilizar uma triagem. Trata-se de um instrumento de entrevista pré-definido com cinco áreas a serem analisadas: afetivo-social, atividades de vida diária (AVD), cognitivo, motor e pedagógico. A triagem é importante pois norteará, a partir da análise das informações, o caminho a seguir com cada sujeito.

Nesse sentido, a questão que norteou o presente estudo foi: é possível receber alunos com deficiência intelectual sem uma investigação e análise profunda sobre suas reais necessidades pedagógicas, motoras, afetivas e de vida diária? Buscou-se, desse modo, com o presente texto apresentar a realização de uma avaliação inicial de pessoas com deficiência intelectual, analisando a real situação em que elas chegam para auxiliá-las na construção de sua aprendizagem de forma significativa. A avaliação inicial de alunos com deficiência intelectual foi realizada diante da aplicação de uma triagem – entrevista que identifica e direciona o que cada sujeito necessita para seu desenvolvimento pedagógico – conduzindo assim a uma construção funcional do plano de trabalho individual do aluno. A organização deste trabalho inicia-se com a identificação da situação problema, posteriormente a justificativa sobre a importância deste estudo, os objetivos gerais e específicos, as alternativas para intervenção, o cronograma da aplicação, o relatório de desenvolvimento do projeto e as considerações.

## **2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO**

A educação inclusiva ainda representa uma série de desafios aos educadores. Conhecer a respeito da necessidade educacional especial de um aluno é um dos primeiros aspectos a ser considerado no seu atendimento. Entretanto, há poucas ferramentas disponíveis para essa finalidade. Além disso, observa-se um desconhecimento por parte dos profissionais sobre os aspectos a serem investigados no que se refere ao processo de aprendizagem.

Existe uma grande variação de capacidades e necessidades das pessoas com deficiência intelectual que precisam ser desenvolvidas (p. ex. área motora, cognitiva, afetiva e de comunicação). Mas, infelizmente, devido a inúmeros motivos (p. ex. salas de aulas com quantidade elevada de alunos, prazos curtos para cumprimento da proposta curricular e falta de tempo para planejamento de atividades), muitos educadores não conseguem avaliar as capacidades dos alunos com deficiência, compreender suas necessidades e, até mesmo, conhecer suas experiências prévias.

Apesar das enormes dificuldades enfrentadas pelos educadores e diante das várias especificidades que acompanham as deficiências, é necessário a realização de uma avaliação detalhada, uma verificação pré-definida e adaptada a cada sujeito que chega. É preciso compreender a real necessidade do aluno, o que ele conhece, como conhece e como aprende. Considera-se que somente diante do entendimento individual é possível construir um caminho educacional inclusivo.

Para tanto, é necessário conhecer como cada aluno processa sua aprendizagem e diante disso é necessário compreender como ele aprende e o que ele conhece, sendo assim, a investigação deste projeto questiona a recepção dos alunos com deficiência intelectual e o que é feito para se compreendê-lo: como ele chega e o que necessita para funcionalizar sua aprendizagem.

### **3 DESCRIÇÃO DO QUE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO**

O número de alunos com deficiência matriculados na rede regular e classes comuns cresceu, e juntamente com isso cresceu também as dúvidas e a grande necessidade de modificar os modelos educacionais propostos até então. A presença dos alunos com deficiência coloca em xeque as práticas tradicionais, as diferenças sempre existiram, mas a pessoa com deficiência traz um desafio maior.

A escola escolhida para a aplicação do projeto de intervenção é uma escola pública de uma cidade do interior, tem salas com poucos alunos, mas mesmo assim, quando chegam alunos com deficiência ou quando os que já se encontram lá mudam de série, acontece um grande movimento de dúvidas e falta de foco sobre qual caminho a seguir. Isso traz grandes problemas, pois quando um aluno deficiente é recebido, é necessário que se faça uma longa e detalhada avaliação para se conhecer a pessoa e depois construir seu mecanismo ou material de aprendizagem; e isso não é realizado, causando assim uma realidade confusa. Na inclusão, não pode haver modelo pedagógico que não parta do aluno.

Para tanto, pretende-se que a triagem construída possa direcionar e possibilitar a construção de materiais para professores e pedagogos da escola escolhida para que possam oferecer uma inclusão funcional.

#### **4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA**

Segundo Honora e Frizanco (2008, p.103), “existe uma grande variação de capacidades e necessidades dos indivíduos com deficiência intelectual”, podendo apresentar diferenças em quatro áreas: motora, cognitiva, comunicativa e socioeducacional. Na área motora, algumas crianças não apresentam diferenças significativas, porém podem apresentar alterações na motricidade fina; em casos mais severos, pode-se perceber incapacidades motoras mais acentuadas. Na área cognitiva, alguns alunos podem apresentar dificuldades na aprendizagem de conceitos abstratos, na atenção, memorização, resolução de problemas e generalização, além de poderem apresentar um ritmo mais lento. Na área comunicativa é encontrada dificuldade de na expressão da linguagem ou no entendimento, acarretando dificuldades em suas relações. Por fim, na área socioeducacional pode ocorrer uma discrepância entre a idade mental e a idade cronológica. Para os autores,

Não existem “receitas” prontas para o trabalho com alunos tanto com deficiência intelectual, ou com outra deficiência, quanto com os sem deficiência. Devemos ter em mente que cada aluno é um e que suas potencialidades, necessidades e conhecimentos ou experiências prévias devem ser levados em conta, sempre. (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 107).

Diariamente o trabalho educacional com a pessoa com deficiência coloca em pauta a importância da interação do sujeito com o mundo. As interações são peças importantes no desenvolvimento do ser, e no processo educacional, o profissional precisa ter o olhar atento ao que a pessoa já sabe, o que é capaz de fazer sozinha, o que consegue fazer com ajuda e as várias possibilidades que o sujeito tem quando recebe ajuda. A isso dá-se o nome de zona de desenvolvimento proximal.

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1984, p.97)

O desenvolvimento proximal ou possível de uma criança é aquele que ela desenvolve encontrando-se em um ambiente de ensino com condições e contexto favoráveis ao seu aprendizado. Para criar esse ambiente, é essencial que aconteça estimulação e

interação. Por isso a troca de conhecimento entre alunos e os profissionais que o recebem é interessante e deve ser encorajada. De acordo com a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, para implementar esse tipo de prática é preciso que o profissional observe os saberes que a criança domina e aqueles que ainda está desenvolvendo. Diferentes saberes desenvolvem-se de formas distintas. Cabe ao profissional observar para então avaliar a melhor estratégia pedagógica a ser adotada, isso requer estudos contínuos.

Somente através de um estudo sobre as teorias da aprendizagem, é que se pode perceber que grande parte das dificuldades no trabalho voltado para o desenvolvimento da pessoa com deficiência se encontra na não diferenciação dos conceitos sobre conhecimento e aprendizagem. Através de um estudo conceitual sobre aprendizagem e conhecimento que se poderá perceber que grande parte das dificuldades no desenvolvimento pedagógico da pessoa com deficiência se encontra nas más interpretações dadas aquele aluno que chega para fazer parte do grupo. Muitas vezes o conhecimento é negado na busca efetiva pela aprendizagem e isso causa prejuízos, deixa de se aproveitar muito progresso que poderia ser valioso. É necessário entender como se aprende, o que é aprendizagem, o que é conhecimento.

A aprendizagem é a aquisição de conhecimento e pode-se entender que ela é o ato de conhecer algo através de experiência ou razão. Portanto é preciso partir da valorização do conhecimento para não deixar o trabalho de desenvolvimento da pessoa com deficiência se perder em meio aos protocolos de aprendizagem as serem seguidos. Os significados humanos partilhados são fundamentais. Podemos dizer que com a aprendizagem dá-se uma nova maneira de se portar diante de algo, de si, do outro, do mundo. Diante do ato de aprender, o sujeito adquire novas significações e significados e para um deficiente intelectual, o significado precisa de aproximação com o seu potencial real e aí surge a significação que é fator imprescindível para que avalie compreender e para o sujeito construir seu material de aprendizagem.

Com as formas simbólicas, aparece uma conduta que exprime o estímulo por si mesmo, que se abre à verdade e ao valor próprio das coisas, que tende à adequação do significante ao significado, da intenção e daquilo que ela visa. Aqui o comportamento não tem mais apenas uma significação é ele próprio significação. (MERLEAU PONTY, 1975, p.158)

Interpretando Merleau-Ponty (1975), embora este não foque o espaço escolar, podemos dizer que a aprendizagem sempre se dá por um corpo dotado de intenções, capacidades intelectuais, afetivas, emocionais, vitais e físicas que dependendo de como o

entorno se lhe apresenta é capaz de compreender e adquirir novos instrumentais, linguagens e aptidões para lidar com o mundo e consigo mesmo e transformá-los.

O conhecimento é um procedimento de elaboração pessoal e não há quem possa realizá-lo no lugar de outra pessoa. Segundo Vygotsky (1896-1934), a aquisição de conhecimentos é realizada por meio de um elo intermediário entre o ser humano e o ambiente e há dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos - representações mentais que substituem objetos do mundo real. Segundo ele, o desenvolvimento dessas representações se dá sobretudo pelas interações, que levam ao aprendizado. O conhecimento da pessoa com deficiência é mais complexo ainda, pois ele é menos discursivo, menos fundado em separações e classificações, ele precisa ser focado nas necessidades reais, portanto é cognitivo, afetivo, emocional, artístico, motor, social e interativo. Os saberes são até hoje, de modo geral na escola, pré-branco.

A escola organiza-se basicamente em termos de conhecimento apresentado sob a forma de conteúdos disciplinares. Os espaços curriculares escolares são loteados entre as diferentes matérias, e os tempos são subdivididos em doses diárias – as aulas. Porém, conhecer é conhecer o significado, e o significado é sempre construído pelas pessoas, ou seja, o conhecimento é sempre pessoal (MACHADO, 2002, p.141).

Para Piaget (1987), o sujeito vai internalizando significados, organizando sua atividade mental, buscando a equilíbrio que envolve os aspectos de inteligência, vida afetiva e as relações com o mundo em que vive. Piaget não desconsiderava os aspectos afetivos das crianças e dizia que estes eram fontes de possibilidades para o desenvolvimento cognitivo. Para o autor, encontra-se o conhecimento como dependente do ser biológico que se transforma em sua interação com o meio (PIAGET, 2003). Mostra, portanto que o conhecimento não é o resultante da impressão do real como lá está, mas uma construção que dependem do que o real oferece, mas sobretudo de como as estruturas intelectuais vão organizando-o. Há uma elaboração cognitiva em espiral, pois há uma reconstrução contínua de seu nível anterior por meio de novos recursos. Há algo, entretanto, comum a ser partilhado. Ainda de acordo com Piaget, é na ação real que se constrói o conhecimento e depois a aprendizagem, ou seja, é preciso dar ênfase ao conhecimento para depois tentar trabalhar coma a aprendizagem.

Aprender deve se interligar constantemente ao processo de conhecimento, um abrindo para enriquecer o outro. Para Morin (2006, p.21), o conhecimento deve buscar a aprendizagem, portanto a aprendizagem está imbricada no conhecer.

Nem sempre o ideal é ajudar o sujeito a construir as respostas e sim melhorar a qualidade das perguntas. Segundo Goldenberg (2004, p.51), a boa resposta depende da boa pergunta, e isso não é aplicável somente para os pesquisadores. Mais do que nunca é preciso usar esse pensamento na inclusão. Então, como já foi dito sobre a necessidade de diferenciar o que é aprender e o que é conhecer, para realizar uma eficaz inclusão fica a pergunta a ser pesquisada: “Aprendizagem ou conhecimento: qual desses dois caminhos proporcionam uma inclusão baseada na real diversidade que tem chegado às escolas?”

Alcançar uma efetiva inclusão não é fácil, para isso é necessário conhecer o sujeito que chega, analisar o que ele sabe, como sabe e qual caminho usa para buscar aprender. Nessa análise, é preciso ter clareza sobre o que é conhecimento, o que é aprendizagem e para isso a boa acolhida inclusiva desse aluno é imprescindível. Uma boa acolhida requer um trabalho de investigação completa e para isso a triagem deste projeto atua diretamente para funcionalizar o conhecimento necessário que o profissional necessita para construção do trabalho.

A construção de um trabalho inclusivo real e funcional requer uma profunda análise, e essa análise começa quando se tem a intenção de realizar um trabalho que parta do sujeito com as suas necessidades reais. Conhecer o aluno que se recebe é mais imprescindível que saber conteúdos que ele deva alcançar. E uma das formas de se conseguir esse trabalho inclusivo funcional é possível através de uma triagem bem realizada, que, ao analisada, conduz a aprendizagem do aluno de uma forma singular e cheia de vitórias, pois trabalha-se com uma aprendizagem voltada para o quanto de conhecimento o aluno tem e como isso pode ser aproveitado e não somente aos objetivos que ele tem que alcançar.

A partir do conhecimento e treinamento sobre a importância do conhecer para depois aprender e também da aplicabilidade real da triagem, o aluno chegará até o professor com as necessidades explicitadas e assim o professor terá uma clareza da situação do aluno e poderá construir um processo de possibilidades e não de impedimentos devido às limitações. O professor em posse dos documentos, será direcionado a ir além da deficiência.

Para aprender e trabalhar com aprendizagem é preciso desmistificar que um laudo não é sempre uma sentença que bloqueia e que sempre há possibilidades dentro da dificuldade. Segundo Polity (2001), mesmo que neurologistas identifiquem alguma lesão que determine dificuldades na aprendizagem, não se pode mais pensar que biologia é destino.

Uma triagem é o processo pelo qual se prioriza a necessidade emergencial do sujeito. Este processo mostra eficientemente os cuidados e recursos necessários para a aprendizagem dos alunos, fazendo com que as atividades sejam realmente eficazes.

A triagem tem a função de realizar uma avaliação inicial do caso, buscar esclarecimento diagnóstico, para então, definir o encaminhamento a ser dado. É um processo que visa oferecer uma escuta, uma compreensão mais ampla e aprofundada da demanda. É um espaço de fala e de escuta, que por si só, pode aliviar a angústia do paciente e ajudar o profissional a verificar de quem e qual realmente é a demanda. (SALINAS; SANTOS, 2002, p. 35).

A triagem inicial para avaliação educacional da pessoa com deficiência é extremamente necessária pois através dela é possível reconhecer a real necessidade do aluno com deficiência e assim construir o plano de aprendizagem adequado, onde o sujeito usa o próprio conhecimento para aprender. Isso faz da triagem proposta um elemento que difere de outros manejos de avaliação, pois ela registra cada ação do aluno. Ela deve ser aplicada por um profissional capacitado. Em contato com o aluno, todas as tarefas são individuais e direcionadas, o que faz com que nenhuma necessidade seja colocada em maior ou menor importância diante de um grupo e sim respeitada a individualidade do ser. A partir disso tudo que se construir ou referir ao aluno será embasado na sua peculiaridade e não corre o risco de ser apenas inserido no ambiente cumprindo tarefas mais fáceis e sim ter um desenvolvimento registrado e acompanhado, com as devidas evoluções.

Nem sempre o ideal é ajudar o sujeito a construir as respostas e sim melhorar perguntas, para tanto, a intervenção em questão é de fundamental importância para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, pois vai levar até as instituições e profissionais o entendimento de que conhecer pode ser mais funcional do que aprender e que diante da aplicação da triagem de avaliação inicial, será possível viabilizar um plano de trabalho inclusivo dentro de uma real inclusão, ou seja não será apenas uma questão de cumprir currículos e protocolos, e sim valorizar o ser humano e fazer do que ele traz um meio funcional de estar e ser aluno.

A triagem elaborada inicia com uma investigação e conscientização do profissional, pois avaliar está ligado às concepções pessoais e talvez nem toda pessoa está apta a realizar essa avaliação, será preciso capacitar pessoas que tenham um conhecimento humano muito mais elevado do que o conhecimento teórico e técnico. De acordo com Sampaio (2016), deve-se sempre construir materiais que possam direcionar o processo formativo das pessoas envolvidas no meio educacional da pessoa com deficiência, de modo que todo o material aqui construído possa ser transformado em uma ferramenta de trabalho.

A triagem não implica apenas em uma coleta de dados simples, implica também um trabalho de investigação, análise e síntese. Sampaio (2016) enfatiza ainda que o momento

de uma avaliação é uma etapa fundamental pois alerta para os sintomas que na maioria das vezes passam despercebidos pelos profissionais.

O ideal é que cada instituição tenha a própria pessoa para a realização desta tarefa. Porque depois de aplicada é preciso ter sutileza para compreender por exemplo que um aluno que ainda não sabe fazer classificações e seriações poderá ter dificuldades em noções de cálculos, e que uma pessoa que tenha dificuldade na memória visual poderá ter dificuldade em análise textual.

A inclusão da pessoa com deficiência intelectual precisa estar pautada no conhecimento para depois prosseguir com ações de aprendizagem. Para tanto, a triagem construída nesta intervenção poderá ser um elemento que superará os obstáculos encontrados na inclusão, pois através dela, poderá ser possível ter acesso e conhecer as reais necessidades dos alunos para depois construir os procedimentos para aprendizagem, evitando assim que aconteça uma aprendizagem disfuncional.

## **5 OBJETIVO GERAL**

O presente estudo teve como objetivo viabilizar a aplicação de uma triagem para avaliação inicial de alunos com deficiência intelectual.

## **6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Auxiliar professores a construir e diferenciar a conceituação sobre aprendizagem e conhecimento.
- Discutir com professores sobre a importância do conhecimento na interação do sujeito.
- Apresentar aos profissionais envolvidos com estudantes com deficiência intelectual a triagem para avaliação inicial do aluno com deficiência, para direcionar funcionalmente os caminhos para o conhecimento ou aprendizagem.

## **7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO**

Foram alvo da intervenção (aplicação de uma triagem) cinco alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Os estudantes haviam sido diagnósticos com deficiência intelectual. A direção da escola assinou o termo de consentimento, que se encontra em anexo (Anexo I), no

dia 07 de fevereiro e as etapas do projeto iniciaram na semana subsequente, foi esclarecido para a direção e supervisão que é um projeto de trabalho de conclusão de curso com foco em um projeto de intervenção que visa contribuir para práticas escolares mais inclusivas. A entrevista foi realizada em dias diferentes para cada responsável por aluno e demorou cerca de uma semana pois é uma análise que envolve cinco áreas e realizada rapidamente pode mascarar os resultados.

A triagem, que investigou cinco áreas, encontra-se em anexo (Anexo II). Pode-se observar que as possibilidades de avaliação são na área afetiva (pois um aluno que se encontra com algum problema emocional ou de comportamento agitado devido a medicações, ele precisa de uma intervenção), ADV (uma vez que é preciso conhecer o que ele já faz sozinho e o que faz com ajuda), cognitiva (pois a avaliação da memória, concentração, raciocínio lógico, entre outros, são de extrema importância para construção das habilidades pedagógicas), motora (para compreender como está o equilíbrio, coordenação motora) e pedagógica (para analisar aspectos referente à leitura, escrita, cálculo, etc).

A parte documental da triagem é dividido em 5 espaços a serem preenchidos; primeiro vem a situação do aluno, onde vem os questionamentos a serem observados, o espaço para resposta sim ou não, o espaço para observações e o espaço das ações. Caso no campo “Demonstra interesse pedagógico” a resposta seja não, deve-se colocar no campo ação a medida que será realizada, por exemplo trabalhar com jogos de letras para depois inserir lápis e caderno. Se no campo “tem concentração”, a resposta é não, na ação é preciso colocar que o aluno ficara localizado nas primeiras carteiras, que serão realizadas atividades que estimulem a concentração, etc.

Deve-se destacar que, logo após o resultado dessa triagem foi realizado uma análise das informações pertinentes e depois disso construiu-se um plano de desenvolvimento para a pessoa com deficiência. Esse plano respeitou as ações que constam na triagem.

## 8 CRONOGRAMA

Para a realização da presente intervenção foram necessárias cinco semanas, descritas no quadro a seguir:

Semana e Data	Atividade
1ª semana – 4 à 8 de fevereiro	Foi realizada uma reunião e um treinamento com os profissionais envolvidos sobre a deficiência intelectual, as

	áreas avaliadas e suas importâncias.
2ª semana – 11 à 15 de fevereiro	Foi selecionado o profissional responsável pela aplicação da triagem, depois organizados os horários e orientações.
3ª semana – 18 à 22 de fevereiro	Análise e seleção dos alunos que tinham indicação para um trabalho individualizado, lembrando que a Nota Técnica N°04/2014/MEC, diz que inclusão sem laudo é um direito, então, uma vez observado que o aluno não acompanha é preciso fazer por ele algo a apoiá-lo, e isso chama-se inclusão também.
4ª semana – 25 de fevereiro a 01 de março	A testagem foi aplicada.
5ª semana – 11 à 15 de março	Foi realizada a análise dos resultados e a construção do enquadre de cada aluno, o como trabalhar e o que adaptar.

## **9 RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

A proposta da triagem teve como foco receber e construir de uma forma mais funcional o desenvolvimento educacional dos alunos com deficiência intelectual que estudam no 6º ano. Todo o trabalho foi realizado com tranquilidade, apoio da direção e acompanhamento direto da supervisão, que foi quem se prontificou de imediato a aplicar a triagem e construir o material juntamente com os professores.

Na primeira semana foi realizada uma reunião para que todos tomassem conhecimento sobre o assunto. Nesse encontro foram discutidos os casos dos alunos que os professores observaram apresentar mais dificuldades escolares. Diante disso, a supervisão entregou uma listagem com as informações sobre os referidos alunos e foi constatado que cinco deles são deficientes intelectuais.

Destaca-se que essa reunião aconteceu no início do ano letivo e ainda não havia acontecido outra reunião para que essa informação pudesse ser passada aos professores.

Diante da informação, foi pontuada a necessidade de uma intervenção e apoio para a condução das atividades escolares. Foi discutido sobre a deficiência e as possíveis ações. Também foi apresentada a importância da realização de uma triagem, objetivando trazer clareza e amparo para que eles pudessem prosseguir com o desenvolvimentos das intervenções.

Foi esclarecido também sobre o como seria realizada a triagem e as áreas que ela analisa e como isso influencia diretamente nos trabalhos. Os professores compreenderam e acharam de grande importância a elaboração desta triagem para que possam estar amparados e informados da real situação em que se encontram os alunos que chegam com deficiência intelectual. Mas pontuaram também que não têm conhecimento acerca das dificuldades e nem estudaram sobre o que fazer nessa situação. Esse foi um bom questionamento pois a supervisora sugeriu a construção de um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) substanciado para eles, onde teriam um documento funcional e com base teórica e prática para trabalharem em conjunto

Apesar da aplicação da intervenção ter sido direcionada a cinco alunos, a supervisão já informou a direção que será realizada com outras salas e alunos, inclusive para assegurar à escola em relação aos alunos que ainda não têm laudo, mas que apresentam dificuldades. Percebe-se uma preocupação em fazer algo para aqueles alunos que não possuem um diagnóstico, mas que apresentam grandes dificuldades pedagógicas. Considerou-se, portanto, uma boa opção aplicar e criar material específicos para eles.

Para os cinco alunos selecionados para o projeto, observou-se que um deles alcançou o 6º ano em processo de alfabetização, com poucas habilidades conceituais e de raciocínio lógico e com dificuldades de comunicação e interação, o que faz com que tenha dificuldades afetivas e sociais. Esse aluno não tem atendimentos especializados e não demonstra interesse pedagógico. Será preciso uma intervenção com conteúdo de pré-requisitos básicos e será necessário também estabelecer metas de base, com conceitos iniciais, assim como atividades que atuem na socialização e afetividade fazendo com que a interação com os outros traga ganhos para a aprendizagem.

Dois alunos estão alfabetizados, mas não conseguem ter uma leitura fluente e não apresentam condições para a realização das atividades elementares. Possuem dificuldades de atenção, concentração, memória a longo prazo e complexa. Necessitam de adaptações em todas as disciplinas, como redução e simplificação de textos e conteúdos, e na funcionalização de atividades que estimulem atenção e concentração. Precisam também de uma adequação espacial, no que se refere à localização na sala de aula e espaços silenciosos para avaliação.

Por fim, os outros dois estudantes apresentam leitura simples. Desenvolvem os conteúdos, mas têm um ritmo diferenciado, necessitando de mais tempo e menos atividades, uma vez que entendem os processos e demandam mais tempo para fazer as tarefas. Também foi observado que os dois estudantes apresentam elevada timidez, baixa autoestima, problemas familiares e dificuldade de memorização.

Considera-se que o objetivo da triagem foi alcançado. Foi possível focar na real necessidade dos alunos e conscientizar os profissionais que a mudança de modelo de trabalho é imprescindível.

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se dizer que a realização deste trabalho foi um grande aprendizado. O sentimento até aqui foi de grande satisfação, pois foi possível comparar o quanto os sujeitos evoluem a partir da definição do ponto onde se encontravam na convivência com a aprendizagem.

Muitos desafios foram encontrados, o primeiro se refere ao material bibliográfico disponível e específica para o deficiente intelectual e sua relação com a aprendizagem. Foi possível entender neste primeiro desafio que a fragilidade teórica impacta na qualidade da aprendizagem dos alunos.

O segundo desafio foi redefinir, criar, recriar, testar e reelaborar estruturas até então padronizadas pelo contexto social, também chamado sistema, que até então, apesar de algumas evoluções é limitante para o desenvolvimento dos deficientes intelectuais. É necessário flexibilização, valorização e vontade de sair da comodidade.

O terceiro desafio foram os mitos e preconceitos que os profissionais tinham, sobre a deficiência intelectual e a aprendizagem de seus alunos. Sujeitos estes às vezes advindos de rápidos e pouco investigados diagnósticos, que são tidos como sentença final e condenados a não evoluir.

O quarto desafio foi superar o recebimento dos alunos diagnosticados e incluídos em avaliações que valorizam apenas os déficits e não fazem da aprendizagem um processo de construção e sim de padronização.

Pode parecer incoerente e contraditório quando a intervenção em questão trata de uma triagem para avaliação e ao mesmo tempo questiona a padronização das avaliações regulares. Pois bem, são situações distintas do início ao fim; a escola comum é organizada

historicamente para a cultura dominante e ao transmitir isto, fazem com que tudo seja uniforme, padronizado e classificado, apenas isto, não havendo espaço para as singularidades existentes. A triagem em questão e todo o repertório deste trabalho gira em torno de uma avaliação que é realizada não apenas para obtenção de resultados e classificação e sim como hipóteses de resultados que abrem portas para a singularidade de cada um. O objetivo é partir do que o sujeito possui, construir juntamente com a necessidade identificada evitando assim, o avanço de etapas desmedidas, classificações e resultados equivocados.

Diante dos desafios citados, caminhando na superação deles, esclarecendo as possíveis contradições em relação à intervenção, chega-se até aqui com o sentimento de que os desacertos foram transformados em tentativas de acertos e de acertos puros também, e com a certeza de que a caminhada ainda será longa, não existem regras, toda unanimidade age pela ignorância e os caminhos construídos e a construir são muitos.

## **11 REFERÊNCIAS**

BRASIL. Secretaria de Educação Especial, Educação Inclusiva. **Atendimento especializado par a deficiência mental**. Brasília, 2005.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

CARVALHO, Erenita Natália Soares; Carvalho, Rosita Edler; Costa, Sandra Marinho. **Política de atenção integral e integrada para as pessoas com deficiência intelectual e múltipla**. Brasília: Federação Nacional das APAES, 2011.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. **Leitura, Cognição e Deficiência Mental**. In: Consultoria Técnica Educacional (apostila), 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**, Porto Alegre: Artmed,1999.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuição com uma sociedade inclusiva**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

MACHADO, Nilson. **Sobre a idéia de competência**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reforma o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

OLIVEIRA, A. A. S. **Adequações curriculares na área de deficiência intelectual: algumas reflexões**. In: OLIVEIRA, A. A. S.; OMOTE, S.; GIROTO, C. R. M. (Org.). *Inclusão Escolar*: As Simone Ghedini Costa Milanez, Anna Augusta Sampaio de Oliveira, Andrea Regina Nunes Misquiatti (Org.) Contribuições da Educação Especial. São Paulo: Cultura Acadêmica, Marília: Fundepe, 2008.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência da Criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

\_\_\_\_\_ **Biologia e conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_ **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1973.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldade de Aprendizagem e Família: construindo novas narrativas**. São Paulo: Vetor, 2001.

SALINAS, P., E Santos, M. A. dos. **Serviço de Triagem em Clínica-Escola de Psicologia: A Escuta Analítica em Contexto Institucional.** In *Psyché*, v.1, n.9, p.177-196. São Paulo, 2002.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico.** Rio de Janeiro: Wak, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** São Paulo: Autêntica, 1999.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Salamanca. 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins fontes, 1984.

Nota Técnica N°04/2014/MEC. Disponível

em:[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15898-nott04-secadi-dpee-23012014&category\\_slug=julho-2014-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15898-nott04-secadi-dpee-23012014&category_slug=julho-2014-pdf&Itemid=30192), acesso em 05/11/2018.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectología.** Madri: Visor, 1997.

**ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED  
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE INTERVENÇÃO

À Direção da Escola \_\_\_\_\_

Prezado(a) Senhor (a) \_\_\_\_\_

Como aluno (a) do curso de especialização em EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES promovido pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF, através do CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD, venho por meio desta, solicitar a autorização para desenvolvimento de meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consiste em um projeto de intervenção com o objetivo de

\_\_\_\_\_

Para o desenvolvimento deste projeto, que será realizado na turma \_\_\_\_\_ serão utilizados procedimentos tais como

\_\_\_\_\_

Como estudante do referido curso, gostaria de assegurar o caráter acadêmico do presente estudo, assim como a utilização de procedimentos para a proteção da identidade dos sujeitos, a confiabilidade dos dados e a ética no tratamento dos dados quando estes se referirem ao sujeito e a instituição em que este desenvolve o seu trabalho.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos, na certeza de que o resultado de tal estudo possa contribuir para a obtenção de informações que permitam uma melhor compreensão sobre \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, e contribuindo assim, para a construção de práticas escolas mais inclusivas que garantam o direito à educação para todos.

Juiz de Fora, \_\_\_ fevereiro de 2019.

\_\_\_\_\_

Nome do aluno (CPF/ telefone de contato)

## ANEXO II – FORMULÁRIOS PARA APLICAÇÃO DA TRIAGEM

TRIAGEM PARA AVALIAÇÃO INICIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
--

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Observações clínicas anteriores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### AFETIVO/SOCIAL

	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO	AÇÃO
É sociável?				
É afetivo?				
Apresenta bom relacionamento familiar?				
Demonstra bom relacionamento grupal?				
A família tem boas expectativas?				
Tem bons antecedentes escolares?				
Tem atendimentos especializados?				
Demonstra interesses pedagógicos?				
Demonstra interesse por brincadeiras?				

## AVD (atividades de vida diária)

Dá recados?				
Se locomove com autonomia?				
Se higieniza com autonomia?				
Se veste sozinho?				
Se alimenta sozinho?				
Tem senso de responsabilidade?				

## COGNITIVO

Tem atenção?				
Tem concentração?				
Atende a comandos?				
Tem percepção?				
Tem memória auditiva				
Tem memória visual?				
Tem noção de real e imaginário?				

## MOTOR

Tem coordenação grossa?				
Tem coordenação				

fina?				
Tem noção de lateralidade?				
Tem noção viso-motora?				
Tem noção espacial?				
Tem noção temporal?				
Tem noção de sequência lógica?				
Tem noção corporal?				

## PEDAGÓGICO

Conhece números?				
Tem noção de cálculo? Simples ou complexo?				
Tem noção de seriação?				
Tem noção de classificação?				
Tem noção conceitual?				
Tem noção de quantidade?				
Comunica-se bem?				
Conhece as letras? Vogais e Consoantes?				
Lê palavras?				
Lê textos?				

Escreve coordenadamente?				
Tem compreensão oral?				
Faz relatos coerentes?				